O bom leitor

Os antigos diziam que, “para bom entendedor, meia palavra basta”. É provável que com isso quisessem dizer que devemos ler mesmo o que não está explícito num texto.

Já não é novidade entre professores e estudantes que a leitura competente requer muito mais que o conhecimento do sentido literal das palavras e da organização gramatical do conteúdo. Outro não é o motivo de exames vestibulares e provas de português de concursos enfatizarem a compreensão refinada do texto.

Vale dizer que, quanto mais a pessoa lê, melhor tende a ser a sua leitura, seja por se familiarizar com os componentes linguísticos, seja por ampliar seu leque de referências históricas e culturais.

Todo texto é inserido em contexto extralinguístico (histórico, político, social etc.), com o qual dialoga. Isso quer dizer que, entre o enunciador do texto e o seu receptor, há um saber compartilhado, que não precisa ser explicitado.

O bom leitor não pode ser ingênuo. Cabe a ele ler também o que está escrito nas entrelinhas, ou seja, as informações implícitas. O linguista francês Oswald Ducrot já afirmava que não existem enunciados que ocorram fora de um contexto.

Imaginemos que alguém profira uma frase nominal, como “Belo gesto!”. É evidente que o contexto é que irá permitir dizer se devemos entendê-la como um elogio (sentido literal) ou como uma crítica (ironia). O bom leitor sabe disso e permanece atento aos *pressupostos* e *subentendidos* dos textos.

Esses conceitos distinguem dois tipos importantes de informação implícita num texto.
Os *pressupostos* são, por assim dizer, indiscutíveis. Só a um fumante sugerimos que deixe de fumar. Não recomendaríamos a quem nunca fumou que deixasse de fazê-lo. Está, portanto, pressuposto numa construção como “Você deveria deixar de fumar” que o interlocutor é fumante. Caso contrário, a frase não teria sentido.

Os *subentendidos*, por sua vez, são um pouco mais sutis. São aquelas ideias sugeridas nas entrelinhas, mas não assumidas explicitamente pelo enunciador. Quando pergunta ao interlocutor se ele “tem horas”, a pessoa não espera uma resposta do tipo “sim” ou “não”. Espera, isto sim, que o outro lhe informe que horas são.

Há quem diga, jocosamente ou não, que nossos amigos portugueses responderiam a essa pergunta

com um simples “Tenho, sim, senhor”. Para nós, brasileiros, isso soa engraçado, pois, no nosso contexto cultural, a pergunta “Você tem horas?” é apropriada para indagar que horas são. Nada impede, porém, que seja respondida “à moda lusitana”, pois o subentendido está necessariamente ligado a um contexto sociocultural, que pode não ser o mesmo ainda que a língua seja a mesma. Seria uma resposta frustrante para o emissor brasileiro, mas não seria *sem sentido*.

Feita a distinção entre *pressupostos* e *subentendidos*, cabe uma palavra ainda sobre estes últimos. Embora postos no discurso pelo enunciador (aquele que fala ou escreve um texto), a sua compreensão fica a cargo do receptor da mensagem — e o enunciador sempre poderá negá-los, dizendo que *não foi isso o que quis dizer*. Nesse tipo de “defesa”, o enunciador não reconhece o subentendido que ele próprio provocou e “exige” que sua mensagem seja lida no sentido literal, como se não houvesse contexto ou universo de referências.

Essa é uma estratégia largamente empregada por aqueles que não querem se comprometer com o que estão dizendo. É como se transferissem ao receptor (ouvinte ou leitor) a responsabilidade pela informação ou ideia que queriam transmitir. Escondem-se atrás dos subentendidos e os negam se acharem nisso algum tipo de vantagem, alegando, em geral, que foi o receptor da mensagem que não a entendeu. Vão “comprovar” seu ponto de vista apelando para o sentido literal das palavras.

Hoje, os estudos da linguística têm chegado às escolas de ensino médio, onde professores e estudantes já promovem debates no campo da análise do discurso, disciplina que se ocupa de questões desse tipo.

É esse o caminho para formar um bom leitor, ou seja, um leitor capaz de ler o que está escrito nas linhas e nas entrelinhas.

Fonte: Folha de S. Paulo/ Thaís Nicoleti
Data: 10 de abril